

GÊNERO E PROTAGONISMO FEMININO EM *STAR WARS*: ANÁLISE DE NOTÍCIAS VEICULADAS EM SITES E BLOGS¹

Lucas da Silva Martínez²
Sueli Salva³

Resumo: O objetivo deste artigo é problematizar o protagonismo de uma personagem feminina da franquia *Star Wars*, a partir de notícias em *sites* e *blogs* vinculados à temática. Para tanto, foram selecionadas notícias de *blogs* e *sites* em relação à personagem Princesa Leia, organizados e analisados com base na Análise Textual Discursiva, através do substrato teórico dos estudos de gênero e feminismo, bem como de diálogos entre mídia, identidade e pedagogias culturais. A forte presença e importância da personagem Leia no contexto do feminismo, tal como a discussão sobre os papéis femininos na ficção científica são resultados desse texto.

Palavras-chave: Protagonismo Feminino. Relações de gênero. *Star Wars*.

GENDER AND FEMALE PROTAGONISM IN STAR WARS: ANALYSIS OF NEWS ON WEBSITES AND BLOGS

Abstract: The objective of this article is to problematize the protagonism of a female character of the *Star Wars* franchise, from news on websites and blogs related to the theme. In order to do so, blogs and websites were selected in relation to the Princess Leia character, organized and analyzed based on the Discursive Textual Analysis, through the theoretical substrate of the studies of gender and feminism, as well as dialogues between media, identity and cultural pedagogies. The strong presence and importance of the character Leia in the context of feminism, as well as the discussion about the female roles in science fiction, are the results of this text.

Keywords: Female Protagonism. Gender relations. *Star Wars*.

“VIAJAR PELO HIPERESPAÇO NÃO É IGUAL PASSEAR PELO PARQUINHO NÃO”⁴: PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

A partir das problematizações realizadas durante o “Seminário Temático Avançado LP2: Relações de gênero, infâncias e práticas educativas I” e do

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

²Universidade Federal de Santa Maria (lukasspedagogia@gmail.com)

³Universidade Federal de Santa Maria (susalvaa@gmail.com)

⁴Frases encontradas na franquia.

interesse de um dos autores pelo tema da cultura *nerd/geek* marcada pelas produções culturais vinculadas à ficção científica e à fantasia como a franquia *Star Wars*³. O objetivo deste artigo é problematizar o protagonismo de uma personagem feminina da franquia *Star Wars*, a partir de notícias em *sites* e *blogs* vinculados à temática, tendo como referencial teórico para a análise, estudos de gênero e feminismo.

Há 2 anos atrás, o *site Vice.com* (TOURJÉE, 2016) publicou uma notícia traduzida sobre a onda machista que se sucedeu após o lançamentos dos últimos três filmes da franquia, a saber: *Episódio VII: O despertar da Força; Rogue One: Uma história Star Wars* e *Episódio VIII: Os Últimos Jedi*, que não só apresentam protagonistas femininas importantes, mas centrais. Nessa notícia (TOURJÉE, 2016) são explorados alguns aspectos da cultura *nerd*, entre eles a predominância masculina e a invisibilidade de outras pessoas dessa cultura.

Em diálogo com essa problemática Almeida e Lima (2017) em estudo sobre desenhos produzidos por fãs (fanarts) sobre a nova protagonista da série Rey (Episódios VII e VIII já mencionados), compreendem que, mesmo com mudanças de postura por parte da produção dos novos filmes, pela compra da franquia pela Disney, pela presidente da LucasFilm (produtora da franquia) ser mulher, e pela nova personagem, que não traz traços sexualizados, ainda assim a comunidade masculina empenhou em tratar tal personagem como “lixo feminista”, e produzir desenhos altamente sexualizados. Apesar dessa situação controversa, produzida pelo público que assiste a tais filmes, busca-se reconhecer o protagonismo das personagens na franquia, conforme os sites e blogs analisados demonstraram.

Para pensar a cultura *nerd/geek* que faz parte do contexto do estudo é necessário conceituá-la. Os termos *nerd* e *geek* remetem a sujeitos que possuem gostos direcionados à cultura digital, quadrinhos, jogos, super-heróis, ficção científica, fantasia, ciência e tecnologia. *Sites* como Olhar Digital (CARVALHO, 2012) e Canaltech (REDAÇÃO, 2013) bem como Biccaet al., (2013) compreendem que enquanto *nerds* podem ser vinculados a carreiras científicas e práticas específicas ligadas à essas carreiras (análise, estudo,

³Franquia produzida por George Lucas, em 1977, conhecida no Brasil como *Guerra nas Estrelas*, composta por diferentes filmes (conhecidos também por episódios), bem como por *spin offs* (séries derivadas), quadrinhos, livros e outros curtas. A organização dos episódios temporalmente é por número, entretanto, a ordem de produção deles não é sequencial (1ª trilogia composta pelos Episódios IV: Uma nova Esperança, V: O Império Contra-Ataca e VI: O retorno de Jedi; 2ª trilogia composta pelos Episódios I: A ameaça Fantasma, II: Ataque dos clones e III: A vingança dos Sith; e 3ª trilogia composta dos filmes VII: O despertar da Força, VIII: Os Últimos Jedi e IX - sendo que o IX ainda não foi lançado).

neurociência, física, games) *geeks* podem estar vinculados a séries, quadrinhos, tecnologias, *cosplay*⁶, entre outros. Embora *nerd* e *geek* possuam diferenças (conforme apontadas pelas vagas definições dos *sites*) os gostos de certo modo se cruzam, entretanto, cabe destacar a relação entre maior consumo cultural (séries, filmes, camisetas, produtos, games), e habilidades (científicas e tecnológicas), tendo por eixo o diálogo geracional entre crianças, jovens e adultos (BICCA, et al., 2013; BICCA; CUNHA; ESTEVE, 2017).

Precisamos buscar referências femininas que possam vislumbrar um futuro diferente dessa sociedade que, por influência de um regime social, político e econômico marcado pelo poder do masculino, pela objetificação da mulher, e que como aponta a tese de Prestes (2014) marcada por artefatos culturais (jogos, propagandas, filmes, músicas) que limitam/reduzem a mulher ao espaço privado, enfatizam o comportamento feminino controlado, e delinham a ação da mulher na sociedade. Infelizmente a Princesa Leia não rompe completamente com os estereótipos de gênero, pois, é uma personagem criada dentro de um universo que, como declaram Almeida e Lima (2017) e Goulart e Nardi (2017) é marcado pela misoginia e a hipersexualização das personagens femininas. Contudo, seu personagem avança nas discussões de gênero quando permite a problematização do papel de “princesa”, a importância de uma personagem feminina que é realmente importante para os acontecimentos dos filmes e o desenvolvimento da franquia e não é um “acessório” do “herói”. Sua atuação permite mostrar que as mulheres não podem ser vistas apenas como frágeis ou emotivas, mas que há força e racionalidade em sua ação.

É tarefa da pesquisa científica entender os motivos e os contextos que produzem significações sociais diversas, como nos filmes da franquia, possibilitando, portanto, entender porque a sociedade e essas culturas continuam dando papéis secundários à mulher no contexto social e imaginário e como poderia ser diferente. Podemos começar com a Princesa Leia, e buscar cada vez mais outras personagens femininas que permitam a problematização em busca de um mundo com equidade.

Este artigo analisa notícias vinculadas na internet relacionadas à temática, através da busca no *Google* com duas frases descritoras: “protagonismo feminino em Star Wars”, “protagonismo feminino em Star Wars, Leia”.

⁶Arte ou capacidade de se transformar em um personagem querido, através da roupa e da personalidade. Geralmente aplicado à concursos de costumes (fantasias) em eventos nerd/geek.

O texto divide-se em seis seções, a começar pela introdução que contextualizou brevemente o tema e objetivo, a segunda que explora alguns conceitos importantes para o desenvolvimento do trabalho, a terceira que discute o contexto da série analisada, a quarta que discute os procedimentos metodológicos desenvolvidos, bem como a quinta seção que problematiza os dados analisados e a sexta que encerra com as considerações finais.

“EU SEI COMO CORRER SEM VOCÊ SEGURANDO MINHA MÃO!”: MULHERES E PROTAGONISMO FEMININO

Para pensar teoricamente este artigo, é importante ressaltar a discussão de gênero levantada: o protagonismo das personagens mulheres da série. Mayer (2018) propõe uma outra conceituação de protagonismo, como “protagonismo feminino proativo”. Para a autora, em sua dissertação de mestrado: “O Protagonismo Feminino Proativo contrasta com a passividade presente nas representações tradicionais femininas, nas quais a mulher é dependente da ação de terceiros, geralmente associada ao envolvimento romântico” (MAYER, 2018, p. 12).

Elías (2007) ao comentar sobre o papel da mulher na ficção científica aponta que, embora tenha havido um aumento de personagens femininas, parece que tal aumento se justifica apenas em consciência “politicamente correta” pois, mesmo com a presença das personagens, não se avança nas desconstruções de estereótipos de gênero. Logo, longe de destacar aspectos protagonizados estereotipados, daqueles “naturalizados socialmente” a cada sexo (BOURDIEU, 2017), cabe destacar o desenvolvimento da personagem ao longo da trama, principalmente naquilo em que diferem de visões tradicionais de feminino.

Mayer (2018) ao analisar o protagonismo feminino proativo em um conjunto determinado de filmes, elabora algumas perguntas como base que permitem balizar a análise: a personagem é apresentada devidamente (contam sua história)? Suas ideias ou ações são mais importantes que seus atributos físicos? “Possui liberdade sexual/afetiva?” (MAYER, 2018, p. 66). A autora continua trazendo importantes questões como: “É considerada inteligente?” [...] ‘Suas ações são independentes dos outros?’ [...] ‘Exerce influência sobre os acontecimentos da trama’ [...] ‘Seu figurino é adequado às situações da trama?’” (MAYER, 2018, p. 66). Neste sentido, antes de iniciar a análise dos materiais

propostos é necessário delinear a personagem dentro dessas perguntas propostas por Mayer (2018).



Nesse texto focaliza-se a contribuição de uma das personagens Leia Organa, conhecida principalmente como Princesa Leia, interpretada pela atriz americana Carrie Fischer (1956-2016). Outra protagonista (*Rey*) poderia ser discutida extensamente pelo seu protagonismo reconhecido pela comunidade *nerd/geek* (mais detalhes nas análises desenvolvidas), entretanto, o desenrolar da sua história ainda não foi totalmente explorado (lançamento do Episódio IX previsto para final de 2019). Os *blogs* e *sites* na internet também não deram credibilidade (em termos de desconstrução de estereótipos de gênero) ao papel de Padmé Amidala (Senadora da República e antes Rainha de *Naboo*) visto que seu papel ao passar dos filmes, da segunda trilogia, fica relegado ao relacionamento amoroso com outro personagem.

Leia é uma princesa, filha adotiva do Senador BailOrgana, membro influente do Senado Galáctico. A luta do senador Organa é reconhecida em busca do fim da guerra (cenário dos primeiros três episódios). Seguindo as perguntas de Mayer (2018) é possível perceber que a história da Princesa Leia não é tão bem explorada como a de outros personagens (a história dela não é relevante para o desenvolvimento dos acontecimentos da trilogia a qual participa, embora sua história familiar seja explorada nos primeiros três episódios da franquia, produzidos posteriormente para explicar o contexto dos filmes IV, V e VI).

Sem dúvida, suas ideias são mais importantes que seus atributos físicos. Responsável pela proteção dos planos (esquemas técnicos da estação bélica mais poderosa da galáxia) que permitiram a vitória da rebelião (aliança rebelde), foi exemplar no seu papel de, não abaixar a cabeça às afrontas e garantir a proteção de tais planos. Ela não aparece completamente dessexualizada no filme (apesar da roupa branca que não mostra a sua pele) entretanto, o seu temperamento e a sua ação deixam claro que isso não é o mais relevante.

Ela não é só inteligente, mas uma líder exemplar da rebelião, e nos últimos filmes é apresentada como general, junto à outras mulheres gerais. Embora como já dito, sua história anterior não é relevante, entretanto sua ação como líder é fundamental para a sobrevivência da rebelião

⁷Planeta vinculado à República Galáctica.

Leia é considerada um ícone feminista (SALVADOR, 2018) apesar do acontecimento do filme Episódio VI. Dois *Youtubers* brasileiros famosos, no vídeo “Quando uma princesa morre – Ep. 882”, em homenagem à morte da atriz Carrie Fisher (1956-2016) declararam que:

Leon: É uma situação muito triste, e acho que mais triste ainda pra quem é fã da série [porque você não tem só a morte da atriz, mas da personagem, comenta Nilce]. Como que eles vão fazer com o personagem? É uma pessoa que marcou época [...] é uma coisa que há pelo menos três, quatro décadas marca a vida de muita gente, é uma coisa central na nossa cultura pop, não dá para imaginar a cultura pop ocidental hoje, destituída de Star Wars [...] (CADÊ A CHAVE, 2016, transcrição de vídeo).

Aos poucos sua personagem foi se modificando em termos de protagonismo, do primeiro filme ao terceiro. Logo, é preciso pesar os acontecimentos e analisar como a comunidade, através de postagens em *sites* e *blogs*, a percebe no coletivo dos filmes. Acredita-se que apesar das situações, o seu protagonismo supera estes aspectos.

“LEMBRE-SE: SEU FOCO DETERMINA A SUA REALIDADE”: O CONTEXTO DA SÉRIE

Tanto o *site* oficial (TM & © LUCASFILM LTD, 2018), quanto variados *sites* apresentam o contexto histórico da franquia, que iniciam com a primeira trilogia, composta pelos Episódios IV, V e VI, segunda trilogia, composta pelos Episódios I, II e III, alguns filmes em datas comemorativas, os dois últimos filmes da trilogia Episódios VII e VIII, bem como outros filmes paralelos à história, animações, e inúmeras revistas e livros publicados. Portanto, longe de fazer uma análise completa da ampla produção realizada nos últimos 40 anos, cabe destacar o enredo principal que move a franquia.

A primeira trilogia, na qual umas das principais protagonistas é a Princesa Leia, já citada, apresenta como contexto: o Império, comandado por Darth Vader busca destruir todos os rebeldes (aqueles que se rebelaram em relação ao sistema político na transformação da República Galáctica em Império, e os Cavaleiros Jedi) construindo armas (principalmente uma grande estação bélica, capaz de destruir um planeta inteiro, popularmente conhecida como Estrela da Morte), torturando todos aqueles que necessários. A base de toda narrativa da franquia está no equilíbrio de forças entre o bem o mal, entre a escuridão e a

luz. O grande vilão da série, Darth Vader, está para a escuridão, como os grandes mestres Jedi estão para a luz, e esse conflito estabelecido marca o contexto de produção da série e das histórias de vida dos personagens. O filme começa com a perseguição de Darth Vader a Leia, que carrega os planos para destruição da Estrela da Morte.

Os Jedi são aqueles que aprendem a lidar com a Força. Biccaet al., (2014, p. 378-379) em um artigo no qual analisa usos linguísticos da franquia em *blogs*, escreve que:

A ‘força’ referida na expressão ‘que a força esteja com vocês’ é o que envolve, penetra e confere poder a um cavaleiro *Jedi*, constituindo-se em uma forma de campo de energia criado pela união de todos os seres vivos do universo de *Star Wars*, como se pode compreender assistindo aos referidos filmes. Nos filmes da primeira trilogia [que posteriormente passaram a ter os números IV, V e VI (os filmes de números I, II e III, embora lançados posteriormente aos demais, narram eventos que teriam ocorrido antes dos episódios IV, V e VI) e foram sucedidos pelos episódios I, II e III], a ‘força’ era tratada como algo com forte acento místico e/ou intuitivo. Porém, em *Star Wars: episódio I – Ameaça Fantasma* (2000), a narrativa fílmica recorre a uma explicação que se afasta do misticismo e se assemelha ao discurso científico. Isso se dá quando a ‘força’ que um mestre *Jedi* diz sentir ser muito intensa no personagem Anakin Skywalker (personagem que se torna, ao longo da série de filmes, o grande vilão Darth Vader) pode ser verificada com a contagem de *midichlorians* (elemento passível de identificação em exames de sangue que só existem nas obras de ficção científica da série *Star Wars*), em um exame de sangue. Tal resultado faz o personagem mestre *Jedi* reconhecer o menino como um *Jedi* a ser treinado.

A segunda trilogia, composta pelos episódios I, II e III embora lançados anos depois da primeira trilogia, temporalmente são anteriores, e contam a história que antecede a fundação do Império, marcada fortemente pela luta da República Galáctica contra os Separatistas. Marca também o treinamento do padawan (aprendiz de mestre Jedi) Anakin Skywalker, futuro vilão conforme apontado por Biccaet al., (2014). Nesta, possivelmente quem se destaca como protagonista feminina é a Senadora Padmé Amidala. Entretanto, seu protagonismo é reduzido ao passo que se envolve com Anakin, nesta trilogia, porém, bem mais trabalhada no filme e na série de animação ambas intituladas *Star Wars: The Clone Wars*. Nela, Padmé é uma Senadora que insistentemente busca o fim da guerra, e acredita na paz entre as pessoas, porém não se exime

em lidar com confrontos armados e investigações profundas no contexto galáctico.

t

Esses traços da personalidade da personagem são interessantes, pois ao mesmo tempo em que ela vai para o confronto, também se aproxima de outra lógica, orientada para uma cultura da paz, busca da verdade e do cuidado. É um modo de ser e estar no mundo que pode significar combater o machismo, a partir de uma lógica feminista. Ou seja, nesta ação não parece haver “a masculinização” da personagem, senão a busca de uma feminização das ações. Camps (2003, p. 17) argumenta que as virtudes masculinas são associadas “[...] à inteligência, à valentia, agressividade, à dureza [...]”, enquanto que as mulheres são associadas a valores como “[...] ternura, abnegação, passividade, a modéstia [...]” que acabam sendo considerados debilidades.

A autora defende que tais valores não podem ser desconsiderados, pelo contrário, a mesma acredita que uma mudança na busca de uma igualdade de direitos entre homens e mulheres poderá vir através da incorporação, pelos homens, de valores construídos no âmbito do privado pelas mulheres e, que ainda não são reconhecidos e legitimados socialmente. Quando a personagem Padmé busca o fim da guerra e acredita na paz entre as pessoas, parece romper com a lógica dicotômica, incorporando em sua personalidade outros modos de ser e de atuar, conforme argumenta Camps (2003, p. 17): “Formas próprias de pessoas que procedem de outros espaços e que adquiriram hábitos e têm preferências diferentes”.

A terceira trilogia ainda está em andamento, embora tenha também uma protagonista feminina central no desenvolvimento. Nesta Trilogia, a partir da personagem *Rey*, os rebeldes lutam contra a Primeira Ordem, fundada a partir do declínio do Império, com a morte de Darth Vader. Neste momento histórico-político, os rebeldes são coordenados por Leia Organa, agora como General. Portanto, mesmo sem aprofundar a discussão desta trilogia, o artigo centra-se nas produções da primeira trilogia.

“FAÇA. OU NÃO FAÇA. NÃO EXISTE A TENTATIVA”: NOTAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Nesta pesquisa, baseada na abordagem qualitativa, buscou-se notícias publicadas em *sites* e *blogs* sobre o tema. Sobre “protagonismo feminino em *Star Wars*” recolheu-se nove (9) reportagens sobre o tema. A partir da leitura

dos *sites* e *blogs*, percebeu-se a amplitude das discussões e a ausência de foco na personagem escolhida para análise. Grande parte dos *sites* e *blogs* falavam no protagonismo feminino na ficção científica em outras séries, ou discutiam a franquia *Star Wars* de forma genérica, sem aprofundar na discussão dos papéis femininos. Logo, fizemos uma busca acrescentando seu nome na pesquisa do Google para “protagonismo feminino em *Star Wars*, Leia”. Portanto, foram selecionadas outras doze (12) notícias, sendo o corpus de análise vinte e uma (21) páginas da internet.

Foi realizada também uma busca sobre o tema do protagonismo feminino em *Star Wars* e na ficção científica no Portal Brasileiro de Publicações Científicas em Acesso Aberto (OÁSISBR), buscando averiguar artigos, dissertações e teses produzidas sobre o tema, muitas delas utilizadas como base teórica para a construção desse artigo (ALMEIDA; LIMA, 2017; BICCA; CUNHA; ESTEVE, 2017; BICCA et al., 2013, 2014; ELÍAS, 2007; GOULART; NARDI, 2017; MAYER, 2018) entretanto, não foi feita uma revisão sistemática de literatura a fim de mapear toda a produção científica sobre a temática no país. Há poucos trabalhos que discutam a cultura *nerd/geek*, protagonismo feminino na ficção científica, e tais discussões relacionadas a franquia *Star Wars*. Portanto, junto aos artigos encontrados na busca, destacamos a importância de buscas sistemáticas sobre os temas, bem como uma produção científica crescente e relevante.

Para analisar os dados utilizou-se a Análise Textual Discursiva (MORAES, 2003) através da qual realizamos a leitura individual de cada notícia; identificamos categorias de análise, e agrupamos os dados, podendo realizar uma nova leitura sobre o tema. As categorias em torno dos materiais analisados se constituíram em duas⁸: “A princesa Leia em destaque”, e “A polêmica que permeia o ‘biquíni dourado’” buscando contemplar o objetivo da pesquisa e o contexto no qual ela se insere, uma franquia em frequente atualização.

Portanto, segundo Moraes (2003, p. 207) compreende que a Análise Textual Discursiva é uma análise qualitativa que:

⁸O texto original foi reduzido em detrimento da sua extensão. A escrita original discutia o protagonismo feminino que perpassava os diferentes filmes e como novas protagonistas estavam surgindo, bem como uma análise de comentários de jovens nos sites e blogs, destacando como a comunidade *nerd* se organiza a diminuir o mérito e o prestígio das protagonistas femininas. Como ressaltado anteriormente, considerando as relações de gênero hegemônicas na sociedade e em grupos culturais menores como os *nerd/geeks*, é urgente a problematização dos papéis femininos nestas culturas.

[...] pode ser descrita como um processo emergente de compreensão, que se inicia com um movimento de desconstrução, em que os textos do corpus são fragmentados e desorganizados, seguindo-se um processo intuitivo auto-organizado de reconstrução, com emergência de novas compreensões que, então, necessitam ser comunicadas e validadas cada vez com maior clareza em forma de produções escritas. Esse conjunto de movimentos constitui um exercício de aprender que se utiliza da desordem e do caos, para possibilitar a emergência de formas novas e criativas de entender os fenômenos investigados (MORAES, 2003, p. 207).

Os dados e as categorizações produzidas são analisadas com o apoio teórico relacionados aos estudos de gênero realizados por autores como Almeida e Lima (2017), Bourdieu (2017), Elías (2007), Scott (1995) entre outros/as e a partir dos diálogos entre mídia, identidade e pedagogias culturais, com base em autores/as como Goulart e Nardi (2017), Kellner (2001), Prestes (2014), Thoma (2003) e Wortmann, Costa e Silveira (2015).

“TRANSMITA O QUE APRENDEU”: ANÁLISE DE *SITES* E *BLOGS*

A princesa Leia em destaque

Em notícia no *site* do Jornal Correio do Povo (A IMPORTÂNCIA..., 2018, s./p.) foi declarada a seguinte mensagem em relação à Princesa Leia Organa:

O mais empolgante em todas os filmes de *Star Wars* é que Princesa Leia sempre foi posicionada no mesmo patamar de importância que os homens. Mesmo que não seja protagonista da história, ela é tão importante quanto Luke Skywalker (Mark Hamill) e Han Solo (Harrison Ford). Ela é uma princesa que não usa vestidos. Ela é uma princesa que trabalhou ao lado de seus súditos e lutou contra Darth Vader junto dos companheiros. Ela não tem pose de madame e tampouco gosta de ficar esperando para agir. E o principal de tudo, ela não tinha medo, pois ela era uma rebelde. De princesa chegou ao posto de General da Resistência e de lá nunca mais saiu. Ninguém tem mais força que a Princesa Leia.

Esse trecho mostra a importância da personagem, mesmo que supostamente o/a autor/a da notícia declare que ela não esteja no mesmo patamar dos outros dois protagonistas. Embora a temática da franquia seja a luta dos rebeldes contra o Império, (e contra os Separatistas na 2ª trilogia), o foco recai sobre os Jedi, a Força, e o Lado Sombrio (*The Darkside*). Isso, de certo modo, ofusca os diálogos e as problematizações que podiam ser aprofundadas pela personagem. Entretanto: “A princesa foi um marco na representatividade feminina no cinema, tirando a figura de uma mulher indefesa e apresentando uma personagem determinada e sem medo de lutar” (COFFERRI, 2017, s./p.).

O *site* Universo Retro também aponta a contribuição do papel da atriz Carrie Fischer, principalmente pelo caráter histórico de suas ações:

Sua atuação revolucionária, definiu uma nova roupagem para “Princesa”, e inspirou força e confiança a uma legião de meninas (e meninos) no mundo todo. Ela ensinou a não abaixar a cabeça, a se rebelar. E este legado de Fisher se perpetuará nas próximas gerações, assim como sua influência na indústria cinematográfica (MAY, 2017, s./p.).

O *site* Fantasticursos complementa essa discussão sobre a indústria cultural, apontando os papéis desempenhados pelas mulheres nas revistas em quadrinhos e nas séries, geralmente em posição de objeto, em menor ou nenhum destaque:

A bela dependente do herói. Imagem recorrente nas capas das revistas de FC⁹ entre os anos de 1920 a 1950. Tanto demonizadas quanto subestimadas por escritores e roteiristas homens, as mulheres das histórias de FC ficavam na maior parte das vezes deslocadas no enredo das histórias impressas e nos filmes. Afinal de contas, as histórias eram sobre aventura, exploração e penetração no desconhecido, combate, e ciência aplicada. Era esperado, portanto, que os papéis principais pertencessem aos homens. O explorador (homem e branco caucasiano) chega a um planeta hostil habitado por (selvagens e atrasados) alienígenas. As ilustrações dessas publicações permitiam imaginar tanto o enredo das histórias quanto o forte apelo erótico junto aos adolescentes: existia na maior parte do tempo uma frágil pin-up que, como tal, estava seminua sendo protegida por um herói espacial caucasiano

⁹Abreviatura para Ficção Científica (FC).

contra um monstro de olhos esbugalhados ou um robô do mal (SILVA, 2016, s./p.).

t.

As representações de feminino precisam ser urgentemente problematizadas nessas produções. Que concepção de mulher é produzida no imaginário de crianças e adolescentes que leem essas revistas? Quem assiste essas séries e filmes? Quais identidades masculinas e femininas são produzidas nestes contextos? Bourdieu (2017) em análise da estrutura de sociedade em que vivemos, extremamente hierarquizada e dividida em torno dos sexos (e os papéis atribuídos a cada um) denuncia a ilusão naturalista dado a esses papéis. As mulheres, em detrimento de diferentes comparações com a natureza (o cuidado, a reprodução, a fragilidade) são educadas para comportarem-se conforme o esperado. O problema é que, ao fim dessa educação, os mecanismos educativos que as formaram não são tão evidentes, e, logo é possível entender que isso se deu “naturalmente”. Isso implica uma ilusão naturalista por parte da sociedade, que, a partir do olhar masculino, define todo o resto.

Talvez a melhor forma de olhar para essa situação seja através das pedagogias culturais, ou a formação que esses artefatos culturais como séries e filmes promovem (WORTMANN; COSTA; SILVEIRA, 2015). A dimensão pedagógica da aprendizagem nessa perspectiva não está vinculada à educação formal, e sim, à experiência que crianças, jovens e adultos constroem com objetos/artefatos culturais que podem ditar modos de ser. Como uma representação¹⁰ feminina tal qual a da Princesa Leia pode impactar a formação de jovens homens e mulheres que assistem aos filmes e/ou consomem outros produtos da franquia, e inspirar um movimento como o feminista? Pensar esses filmes como artefatos culturais ou dispositivos pedagógicos implica aceitar que eles criam modelos a serem seguidos, representam um conjunto de significados ideais (ou não).

Como argumentam Wortmann, Costa e Silveira (2015) a conceituação de pedagogia cultural se aplica em relação a locais ou produções que permitam a

¹⁰“Segundo as teses e dissertações que adotam o conceito de representação, aprende-se a ser sujeito de certo tipo em imagens, discursos e narrativas que circulam em filmes, revistas, jornais etc.; as pedagogias culturais operariam produzindo e fazendo circular tais representações que funcionam como modelos, inspiram e convocam os sujeitos” (WORTMANN; COSTA; SILVEIRA, 2015, p. 38). Para Pesavento (2006) as representações são chaves de análises, pois são a expressão de ideias de real, que, não só representam o mundo, mas indicam como pode ou deve ser. Quando representações de feminino se mostram em filmes ou séries, de certo modo, mostram como as mulheres devem ser ou se comportar, relacionadas diretamente (ou não) a modos hegemônicos de ação.

construção de verdades, que inspirem formas de ser. Neste sentido, quando Prestes (2014) argumenta que os jogos femininos (*pink games*, jogos que incentivam os trabalhos domésticos e posturas estereotipadas de mulher) ou quando Goulart e Nardi (2017) comentam a identidade masculina e misógina dos jogadores *nerds*, fala-se de produção de identidades. Thoma (2002) ao corporificar as pedagogias culturais como *pedagogia cultural do cinema* problematiza justamente a formação da identidade através desse tipo de produção: enquanto artefato que interpela e promove algum tipo de formação, o que em seus ditos e não-ditos eles ensinam?

[...] quando falamos sobre o cinema na vida cotidiana atual, podemos afirmar que este [...] desempenha um significativo papel na construção de imagens, idéias, representações, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, interpelando os sujeitos e funcionando como um dispositivo pedagógico que molda identidades. Os diferentes produtos da indústria cultural [...] fornecem os modelos das identidades sociais de gênero, etnia, idade, normalidade e tantos outros a serem assumidos por cada um de nós. A pedagogia cultural do cinema ocorre, então, através das lições sobre como devemos ser, agir, pensar e nos comportar frente a nós mesmos e aos outros (THOMA, 2002, p. 96, Sic).

Na mesma direção, o *site* Fantasicursos ainda apresenta duas problematizações importantes acerca de Leia Organa no desenvolvimento da franquia e do próprio feminismo, que rompe com as histórias de princesas.

Contrariando as expectativas do grande público acostumados com as princesas dos contos de fadas e de suas adaptações animadas pelos estúdios Disney, a Princesa Leia Organa em *Star Wars IV: Uma nova esperança* (1977) tem personalidade para se colocar em pé de igualdade com os homens do enredo, sem depender de um príncipe encantado para protegê-la. [...] Ela empunha a arma (símbolo fálico do poder masculino) e exerce sua força pelo poder da liderança e não pelo uso de trajes sedutores. [...] Comprometida e racional, foge do estereótipo de que mulheres são guiadas por sentimentos ao não revelar a localização da base rebelde, mesmo sob ameaça de destruição do seu planeta natal, Alderaan. Além de Princesa, Leia também era líder militar, se mostrando uma estrategista hábil e eficiente (SILVA, 2016, s./p.).

Seu papel permite ampla problematização, olhando por essa outra possibilidade de ser uma “princesa”. Do ponto de vista das pedagogias culturais e da representação que Leia encara, o que pode ser ensinado/aprendido pelos artefatos culturais aos/às espectadores/as?

Tendo a ficção científica iniciado pela mão de uma mulher, Mary Shelley, escritora de Frankstein, umas das primeiras obras de ficção (ELÍAS, 2007), na qual se usa eletricidade para fazer um monstro (produto científico e não místico), a narrativa ficcional, por ter elementos da tecnologia e da ciência logo é apossada por homens, produzindo sobre si e para si. Essas representações de mulher não fogem da princesa Leia, discussão realizada também na próxima seção. Entretanto, Silva (2016) aponta que, ao passar da trilogia, desenrola-se o relacionamento de Leia com *Han Solo*, entretanto, seu protagonismo não diminui, o que, segundo o autor, foi propício à problematização do feminismo, de que não só as ações sociais mas também os relacionamentos poderiam ser simultâneos, desmentindo a representação da “super mulher”, autônoma porém infeliz ou solitária (ELÍAS, 2007).

A história de Leia, por mais grandiosa que fosse no contexto das guerras galácticas, sempre foi marcada pelas consequências de suas ações, continuando a romper com visões inocentes, puras e cristalizadas de princesa.

Leia aparece, de acordo com os *sites* apresentados e com os repertórios teóricos utilizados, como uma diferente vertente para pensar não só a mulher na ficção científica, mas o papel da mulher na sociedade. Pensar gênero nos termos proposto por Scott (1995) é pensar nas características atribuídas às mulheres; as relações hierárquicas estabelecidas entre homens e mulheres. Pensar a discussão de gênero a partir dessa personagem implica problematizar o papel da mulher em diferentes âmbitos de sua existência, do público ao privado, da literatura romântica à ficção científica, dos papéis tradicionais aos diferentes papéis possíveis.

A polêmica que permeia o “biquíni dourado”

Em uma sociedade extremamente machista e misógina, nem a grande protagonista conseguiu escapar das representações sexualizadas. Como lembra Silva (2016), as mulheres na ficção científica sofrem pressões constantes para serem enquadradas dentro dos estereótipos masculinos.

No Episódio VI, Leia se infiltra no palácio de *Jabba The Hutt*, um tipo de “gângster galáctico” para tentar recuperar *Han Solo*, que ao final do Episódio V foi congelado em uma substância fictícia chamada “*carbonite*”. No processo de “descongelá-lo” e levá-lo embora ambos são capturados e Leia é acorrentada e forçada a usar o “famoso” biquíni dourado. Não podemos naturalizar esse ato

de nenhum modo, ao contrário, precisamos problematizar para entender as raízes profundas desse acontecimento. A figura 1 representa o acontecimento.

t.

Figura 1 - "Slave Leia"



Disponível em: <<https://mag.sapo.pt/cinema/atualidade-cinema/artigos/star-wars-censurar-o-biquini-da-princesa-leia-e-ilegal>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

Apesar do protagonismo da atriz, ela não escapou da objetificação, tornando-se um símbolo sexual para as pessoas da época, e até hoje pelos/as espectadores/as da franquia. De acordo com o *site* *Garotas Nerd*:

Ainda que toques de machismo e sexismo tenham sido inseridos na narrativa (afinal, não há como esquecer da famigerada cena da Princesa Leia seminua e presa à correntes), a imagem empoderada da protagonista da ópera espacial não se perdeu. Sua personalidade durona lhe conferiu, inclusive, a coragem necessária para aniquilar o Jabbathe Hut, seu raptor. Não à toa se transformou em uma líder da Resistência ao Império: assim como o diretor George Lucas a descreveu, era uma “princesa poderosa, lutadora, sábia e cheia de esperança” (SALVADOR, 2018, s./p.).

Essa situação marcou a trajetória da atriz, que muitas vezes manifestou-se, publicamente, sobre isso. Ela questionou sobre o impacto que isso traria para o desempenho da sua personagem, como o impacto negativo que traria sobre a figura feminina.

O *sítio* Universo Retro também problematizou esse momento: “Não devemos limitar a ‘Leia Escrava’, deitada na frente de Jabba. Ela vai além mesmo subjugada. A Leia do biquíni dourado que deve ser lembrada é aquela que estrangula e mata com a própria corrente aquele que a aprisionava” (MAY, 2017, s./p.).

Almeida e Lima (2017) em pesquisa, comentam sobre a sensualização das personagens, como forma de satisfação do prazer masculino. Tanto Leia, como sua mãe (Padmé Amidala, segunda trilogia) passam por momentos em que sua pele fica exposta, e que aparecem em situação de vulnerabilidade (o que enfraqueceria, em termos de discussão, o protagonismo feminino proativo, embora não seja uma recorrência). Assim, as autoras concluem que, a sexualização e a exposição são formas de fetichização do estupro, da violência contra mulher.

Na mesma direção, tendo consciência de que nossa sociedade, como bem aponta Bourdieu (2017) é constituída sob a superioridade do masculino¹¹, e na sua dominação eminente, “[...] dificilmente suas produções culturais e de entretenimento seriam diferentes” (ALMEIDA; LIMA, 2017, p. 11). A problematização do pretense protagonismo da personagem, embora seja válida pelas situações que a própria protagonista consegue vencer, se mostra enfraquecida nesse momento. Momento este produzido, contado e recontado dentro dos círculos masculinos de consumo cultural. Desse modo:

No caso específico da franquia fílmica de ficção científica Star Wars, os signos que compõem a ecologia cognitiva provém da cultura *geekou nerd*, que acaba por constituir o que Stanley Fish chama de comunidade interpretativa [...] *background* cultural compartilhado por um grupo social, constituído de (e que também constitui) pressuposições e maneiras específicas de ler e interpretar certos signos. A comunidade *geek* foi constituída, em seu início, majoritária e tradicionalmente por homens, de modo que os produtos por eles produzidos e consumidos (filmes, animes, mangás, HQs, *games*, etc.) traziam, e ainda trazem em si, uma generalizada hiperssexualização feminina. [...] Como explicitado anteriormente, tais personagens são representadas não

¹¹Kellner (2001) ao analisar diferentes produções culturais como as dos personagens Rambo e Rocky (protagonizados por Sylvester Stallone) mostra como o masculino é representado pela guerra, pelo esporte e pela violência. Essas representações se perpetuam e ao fazerem parte da cultura, mas também formam-na, permeiam o imaginário e a constituição de identidades masculinas que favorecem o discurso da dominação e do poder masculino. Todas essas representações são valorizadas em detrimento de outras representações como a abnegação, a cooperação, o cuidado que são associadas ao feminino, sendo estas fundamentais para a humanidade (CAMPS, 2003).

como seres humanos autônomos que possuem e que gozam de uma sexualidade própria, mas como objetos deixados à disposição das fantasias e apetites sexuais de uma audiência presumidamente masculina e heterossexual (ALMEIDA; LIMA, 2017, p. 11).

Em notícia veiculada no *site Delirium Nerd*, Cofferi (2017) aponta que a própria atriz, como anteriormente mencionado, cita o infeliz uso do biquíni dourado, ao advertir a atriz da nova protagonista da franquia.

Em um bate-papo organizado pela revista Interview, ela deu um conselho à atriz Daisy Ridler, que interpreta a personagem Rey na nova trilogia. Falou que Daisy deveria estar preparada para uma possível objetificação de sua personagem, e para resistir caso isso acontecesse. “Não seja uma escrava como eu fui, lute pelo seu figurino”, disse Carrie (COFFERRI, 2017, s./p.).

Uma franquia que relata a luta contra a opressão, incita a luta e a organização não poderia proporcionar essa objetificação em relação às mulheres. Bourdieu (2017, p. 11) discutindo a dominação masculina escreve que salvo algumas mudanças históricas “acidentais”, a estrutura de dominação é tão bem formada a ponto que “[...] que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até naturais”. Portanto, como aponta Silva (2016, s./p.) o personagem da Princesa Leia mostra como as personagens femininas são pressionadas ideologicamente para “[...] enquadrar a mulher dentro dos estereótipos do imaginário masculino”.

Entretanto, Bourdieu compreende que as mudanças necessárias para a igualdade de direitos, ou em direção a ela precisam se dar em um contexto de transformação da formação e da consciência, o que implicaria romper com estereótipos e estimular um outro tipo de relação com as pessoas, formas de respeito entre homens e mulheres. Mesmo o infeliz momento da personagem, esse momento repercutiu positivamente na comunidade feminista, o que possivelmente poderá ter amplificado a discussão sobre a mulher e a necessidade de rebelar-se contra aqueles que os dominam.

Figura 1 - Leia mata Jabba com a corrente que a prendia



Fonte: Disponível em: <<http://www.lovingthealien.net/wp-content/uploads/2015/07/leia-chokes-jabba.jpg>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

Bowman (2015) apresenta outra análise importante para esse acontecimento: seria a sexualidade¹² de Leia, não um mecanismo de dominação, mas sim de poder feminino? Nesta direção, Leia não se torna um símbolo da objetificação ao tornar-se escrava, ao contrário, ela se coloca propositalmente não apenas para salvar Han Solo, mas também, demonstrar certa confiança a Jabba antes de matá-lo com a corrente. Cabe lembrar que quando um homem tenta salvar uma mulher esse comportamento é tido como natural, entretanto, quando acontece o oposto, sempre existem estratégias para rebaixar as ações das mulheres, no caso, o acontecimento narrado.

A sexualidade de Leia é alvo de controle, primeiro por Han Solo que quer conquistá-la (e aos poucos consegue) mas também por Jabba, ao prendê-la às correntes. Entretanto, para os dois, Leia mostra que manda em seu corpo e em suas ações, principalmente quando, para mostrar para Han que “ele conhece pouco as mulheres” beija Luke em sua frente. Segundo

¹²Bowman (2015) explora diferentes vertentes feministas como culturais, liberais, radicais e suas características principais. Enquanto no feminismo radical não se poderia considerar o ato de Leia como uma manifestação própria e sim ato de dominação (visto que mantém aspectos estereotipados, como o de escrava) em outras perspectivas é possível ver o uso da sexualidade (e principalmente não só ela!) como uma forma de poder, de estratégia de subversão da ordem.

Bowman(2015), a partir de leituras em Simone de Beauvoir, a sexualidade de Leia pode ser entendida como fonte de vida, e não de controle ou dominação, pois, mesmo em situações como essas, ela consegue manter certo controle do seu corpo e das suas atitudes, rompendo o estereótipo de “mocinha indefesa”.

Fica sendo sempre necessária a problematização e vigilância constante das representações femininas nas produções audiovisuais, em especial na ficção científica, tema do artigo. Kellner (2001) ao escrever sobre a cultura que é disseminada pela mídia (rádio, televisão, cinema, internet, etc) a compreende através dos seus recursos:

[...] fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente [...] fornece o material que muitas pessoas constroem seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. [...] fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo hoje. [...] cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global (KELLNER, 2001, p. 09).

A mídia afeta nossas percepções sobre o consumo, sobre economia, política, relações sociais e tantos outros aspectos da vida social. Ela não se exime de formar modelos e representações de homens fortes e mulheres frágeis e submissas. Nesse sentido, é importante uma avaliação crítica sobre o papel da protagonista e como o desenrolar de sua história afeta ou não o protagonismo. Pensar o feminismo, por essa ótica, significa não pensar em um mundo “menos sexista”, ou seja, que ainda aceita “toques de machismo” como escreve Salvador (2018), mas pensar outra organização social que permita igualdade de condições para que homens e mulheres se desenvolvam social, pessoal e emocionalmente sem preconceitos.

“O CÍRCULO ESTÁ COMPLETO”: CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi problematizar o protagonismo de uma personagem feminina da franquia *Star Wars*, a partir de notícias em *sites* e *blogs* vinculados à temática. Nele, a partir de diferentes referências teóricas,

problematizou-se as relações de gênero em diálogo com as representações de feminino (na franquia a partir da personagem Princesa Leia) bem como na ficção científica (ELÍAS, 2007). Percebe-se que a representação da mulher ainda é sexualizada e desvalorizada, entretanto, os novos filmes produzidos em *Star Wars* buscam romper a visão de personagem objetificada e subjugada, que adere a uma lógica de força, inteligência e resistência, sem declinar de representações femininas, como a cultura da paz, essencial para a sobrevivência da humanidade, mas que ainda é culturalmente desprestigiada.

Mesmo com o contexto cultural da comunidade *nerd/geek*, que se mostra resistente e intolerante às diferenças humanas, às mulheres; apesar de o infeliz momento da personagem Leia durante a primeira trilogia, a franquia de certo modo inspirou pessoas a perseguirem essa igualdade. Isso é apontado em diferentes *sites*. Há aspectos negativos e positivos nessas realidades sociais, entretanto, não é possível negar a contribuição da personagem Princesa Leia ao contexto da série, e do próprio feminismo. Como escreve o *site* *Garotas Nerd*: “[Leia Organa](#) é uma protagonista corajosa e determinada que não esperou que os homens em sua vida definissem o seu destino” (SALVADOR, 2018, s./p.). Assim, cabe à sociedade abrir-se para as diferenças, mas também, cabe ao feminismo e àquelas/es que acreditam lutar pela igualdade direitos em condições de equidade, que sejam consideradas diferentes nas suas especificidades, e que sua construção cultural ancestral voltada para o cuidado e cultura da paz não só seja valorizada, mas que possa ser compartilhada com o universo masculino.

Precisa-se ainda, junto às discussões realizadas, ampliar o debate sobre como o cinema, a internet, diferentes âmbitos nos quais os sujeitos se formam e quais as representações vigentes nestes espaços. É neste sentido que se pode vislumbrar algum tipo de transformação da sociedade, buscando romper com estereótipos nas representações e formar novas gerações que reconheçam o importante papel que as mulheres desempenham.

REFERÊNCIAS:

A importância do protagonismo feminino em *Star Wars*. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14 dez. 2018. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/ArteAgenda/Variedades/Cinema/2017/12/6/37144/A-importancia-do-protagonismo-feminino-em-Star-Wars>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

ALMEIDA, Pamella Opsfelder de; LIMA, Érica Luciene Alves de. Feminismo e representação: um estudo sobre *fanarts* sexualizados de Star Wars. *Língua, Literatura e Ensino*, Campinas, v. 12, p. 01-13, dez. 2017.

BICCA, Angela Dillmann Nunes et al. Identidades *Nerd/Geek* na web: um estudo sobre pedagogias culturais e culturas juvenis. *Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 18, n. 1, p. 87-104, jan./abr. 2013.

BICCA, Angela Dillmann Nunes et al. Formas particulares de comunicação em *blogs nerd/geek*: expressões linguísticas relacionadas às produções das franquias *Star Wars* e *Star Trek*. *Acta Scientiarum, Language and Culture*, Maringá, v. 36, n. 4, p. 375-382, out./dez. 2014.

BICCA, Angela Dillmann Nunes; CUNHA, Ana Paula de Araújo; ESTEVE, Letícia da Silva Acuña. Uma pedagogia cultural internáutica ensinando sobre jovens nerds/geeks. *Textura*, v. 19, n. 41, p. 259-281, 2017.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 4. ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

BOWMAN, Cole. Padmé grávida e Leia escrava: os papéis femininos em Star Wars. In: DECKER, Kevin S.; EBERL, Jason T. (Orgs.). *Star Wars e a filosofia*. Tradução de Felipe C. F. Vieira e Monique D’Orazio. São Paulo: Universo dos Livros, 2015 [versão digital não paginada]. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Star_Wars_e_a_Filosofia.html?id=W3jQCgAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 13 dez. 2018.

CADÊ A CHAVE. *Morre uma princesa* - ep. 882. 27 dez. 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8tHCEi3T_vc>. Acesso em: 13 dez. 2018.

CAMPS, Victória. *El siglo de las mujeres*. Madri: Ediciones Catedra, 2003.

CARVALHO, Caio. Você é um *geek* ou *nerd*? Quais são as diferenças entre os 2 termos? *Olhar Digital*, S.L., 13 jan. 2012. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/games-e-consoles/noticia/geeks-vs-nerds-voce-sabe-o-significado-de-cada-um/23578>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

COFFERRI, Jessica. [CINEMA] A representatividade feminina e importância de Carrie Fisher. *Delirium Nerd*, S.L., 17 jan. 2017. Disponível em: <<http://deliriumnerd.com/2017/01/17/carrie-fisher/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

ELÍAS, Cristina Amich. Gênero e estereótipos nas séries televisivas de ficção científica. *outraTravessia*, Florianópolis, v.1, n. 6, p. 157-165, jan./jul. 2007.

GOULART, Lucas; NARDI, Henrique Caetano. GAMERGATE: cultura dos jogos digitais e a identidade gamer masculina. *Revista Mídia e Cotidiano*, Niterói, v. 11, n. 3, p. 250-268, dez. 2017.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

MAY, Carolina. Como a 'Princesa Leia' de Star Wars influenciou a cultura pop e o feminismo. *Universo Retro*, S.l., 09 jan. 2017. Disponível em: <<https://universoretro.com.br/como-a-princesa-leia-de-star-wars-influenciou-a-cultura-pop-e-o-feminismo/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

MAYER, Carolina Aires. *O protagonismo feminino proativo nas narrativas audiovisuais de ficção científica*. 2018. 118 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia)-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciênc. educ.*, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, jul./dez. 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e representações, uma trajetória. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 13, n. 23-24, p. 45-58, jan./dez. 2006.

PRESTES, Liliane Madruga. *Enredadas na rede: jogos para crianças (re)produzindo relações desiguais de gênero*. 2014. 189 p. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

REDAÇÃO. *Geek ou nerd?* Descubra as principais diferenças entre eles. *Canaltech*, S.l., 25 jun. 2013. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/entretenimento/Geek-ou-nerd-Descubra-as-principais-diferencas-entre-eles>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SALVADOR, Line. Star Wars Day: Princesa Leia - um ícone feminista. *Garotas Nerds*, S.l., 04 maio 2018. Disponível em: <<https://garotasnerds.com/comportamento/princesa-leia-um-icone-feminista>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Alexander Meireles da. O que a Princesa Leia revela sobre as mulheres na Ficção Científica. *Fantasticursos*, S.l., 31 dez. 2016.

THOMA, Adriana da Silva. *O cinema e a flutuação das representações surdas: “que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva...”* 2002. 258 p. Tese (Doutorado em Educação) -Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

TM & © LUCASFILM LTD. *Star Wars*. S.l., 2018. Disponível em: <<https://www.starwars.com/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

TOURJÉE, Diana. Por que *nerds* são tão sexistas? *Vice.com*, 28 abr. 2016. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/vv4qwy/star-wars-nerds-sexistas>. Acesso em: 02 dez. 2018.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. *Educação*, (Porto Alegre), v. 38, n. 1, p. 32-48, jan./abr. 2015.

Recebido em 13/02/2019

Aprovado em 28/02/2019